

Era uma vez: releitura das personagens femininas nos contos *Mulan* e *Cinderela*, em uma perspectiva de gênero e referencial de feminilidade

*Once upon a time: re-reading the female characters in the tales *Mulan* and *Cinderella*, from a gender and referential perspective of femininity*

Maria da Conceição Santos

Pós-graduanda em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (Faculdade FAVENI) e Licenciada em Letras Vernáculas (Faculdade AGES).
E-mail: renatafraga123@live.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender como os contos de fadas possibilitam o processo de aprendizagem na educação infantil, bem como de qual modo estes acabam se tornando referencial de gênero. Os contos de fadas apresentam em sua narrativa histórias que envolvem imaginação e realidade, as quais, quando bem conduzidas em sala de aula, possibilitam a reflexão sobre desafios impostos pela sociedade. Em contrapartida, a questão de gênero e referencial de feminilidade que são sempre abordados nos contos, de forma inconsciente ou não, acabam reproduzindo cobranças e estereótipos atribuídos a imagem feminina. A ideia de que a mulher, para ser mulher ou ser reconhecida socialmente, precisa sempre estar bela e ao lado de um príncipe encantado é sempre reforçada nos contos, o que não é clarividente o ideal, pois vivemos em uma cultura híbrida em que até mesmo as crianças não são iguais nem podem ser rotuladas como tal. Cada uma dessas possui uma identidade, uma inclinação para diferentes repertórios. Diante disso, faz-se preciso um trabalho de releitura diante das personagens femininas abordadas nos clássicos, a fim de que possamos identificar, além dessas princesas já canonizadas, outras princesas do mundo real.

Palavras-chave: Contos de fadas. Identidade. Mulher.

Abstract: This article aims at understanding how fairy tales enable the learning process in children's education, as well as how they become gender referential. Fairy tales present in their narrative stories that involve imagination and reality, that, when well conducted in the classroom, allow reflection on the challenges imposed by society. On the other hand, the question of gender and referential of femininity that are always addressed in the stories, unconsciously or not, end up reproducing collections and stereotypes attributed to the female image. The idea that a woman, to be a woman or to be socially recognized, must always be beautiful and next to an enchanted prince, is always reinforced in the stories, which is not clearly the ideal, since we live in a hybrid culture where even children are not equal and cannot be labeled as such. Each of these has an identity, an inclination to different repertoires. Before this, it is necessary to re-read the female characters addressed in the classics, so that we can identify, besides these canonized princesses, other princesses of the real world.

Keywords: Fairy tales. Identity. Woman.

1 Introdução

A princípio, é importante e necessário destacar que os cânones literários, entendidos aqui enquanto contos de fadas, existem há milhares de anos e são, sem dúvida, um instrumento pedagógico eficaz no sentido de formação infantil. Em vista disso, muitas foram as gerações seduzidas pelos saberes e sabores que tais contos proporcionam, pois o ato de ouvir esse repertório imaginativo contribui para que o sujeito, ainda em formação, desperte uma série de competências e habilidades inerentes à vida e ao convívio social.

As histórias narradas nos clássicos são muito importantes para o desenvolvimento infantil em diferentes aspectos. Por um lado, a leitura ajuda no desenvolvimento cognitivo da criança, por outro, é por meio da fantasia, bem como do imaginário, que a criança cria repertórios de seu mundo para compreendê-lo melhor, uma vez que esta fará associações e comparações a respeito de valores e princípios existentes nos contos.

Outro ponto a ser destacado no quesito formação da criança refere-se à identificação com personagens. Não raras são as vezes que ouvimos e vemos, nas salas de aula de educação infantil ou até mesmo no convívio com as crianças, comentários no sentido de dizer “Eu sou Cinderela”, “Eu sou Rapunzel, por isso meus cabelos são longos”. Esses e outros exemplos vêm legitimar a ideia de que as representações das personagens femininas exercem tamanha influência no processo de identidade das crianças. Estas se fazem e se reformam por aquilo que veem ou ouvem. Assim,

a história só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontânea e intuitivamente os significados previamente ocultos. Essa descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma. (BETTELHEIM, 1997, p. 3).

Por outro lado, é válido o conhecimento popular que afirma que o mundo de hoje não é o mesmo de ontem. Tal fato nos faz pensar que o mesmo tem mudado muito e, muitas vezes, a construção idealizada de personagens femininas, como a princesa bela e indefesa que só poderá ser plena e feliz, quando seu príncipe lindo e corajoso a salvar, contribui para reforçar estereótipos, o que pode ser muito prejudicial para o desenvolvimento de uma criança. E se ela não se encaixar naquele perfil feminino que é mostrado? Quando isso acontece, muitas vezes, a criança será reprimida socialmente e crescerá alimentando a ideia de que algo de errado aconteceu com ela, pois não se encontra nessas referências do que vem a ser o feminino.

A imagem da mulher colocada nos contos vem legitimar estereótipos no sentido de dizer que esta nasce apenas com duas funções: ser mãe e esposa; por conseguinte, as princesas-mulheres esperam ansiosamente a chegada do casamento, o que faz com que as crianças, ao assistirem esses clássicos, cresçam pensando que somente serão felizes e realizadas quando se casarem. Diante disso, pensemos, casamento é uma necessidade?

Das várias histórias de princesas produzidas pela empresa Disney, percebemos que a instituição do casamento é uma temática basilar da maioria dessas narrativas, pois, nos contos de fadas e princesas, os finais felizes sempre se dão mediante o

matrimônio. No entanto, não é mostrada a vida do casal após essa união simbólica, o que vem reforçar a ideia de que é preciso casar para mostrar à sociedade que a mulher cumpriu sua função social. Se esta será ou não feliz, já não é uma questão trabalhada pelos clássicos. A personagem *Mulan*, objeto aqui de discussão, não se casa, sendo esse momento um divisor de águas no tocante à ruptura com o estereótipo do casamento (embora tal personagem se case ao fim do segundo filme).

Outro ponto bastante interessante que cabe aqui ser discutido é o fato de que, até pouco, não existia, no universo das princesas da Disney, uma princesa que fosse negra, bem como uma que não se casasse. Então, *Mulan* veio quebrar todos esses dogmas impostos ao longo da história no tocante à referência de gênero. A esse respeito, Anaverbach (2003, p. 50) sugere que

é importante mencionar que os valores que se apresentam nos filmes da Disney vão mudando conforme a evolução das novas sociedades. Isto se pode observar de forma clara desde o fim de *Branca de Neve*, onde a mulher representava o papel típico de dona de casa. Por outro lado, com as novas produções, se pode observar uma evolução dentro dos filmes, onde as protagonistas, a exemplo, *Mulan*, desempenham papéis distintos, desafiando a sociedade tradicional. Essa mudança se dá em consequência de que o papel que as mulheres vem desempenhando na sociedade vem mudando. A nova geração de princesas busca promover um ambiente de justiça, igualdade, reconhecimento e, sobretudo, de mostrar que são completamente capazes de defenderem-se. Estes são valores que muitos pais ocidentais desejam que suas filhas pequenas cultivem, para que elas tenham uma mente mais aberta ao mundo de hoje.

Diante disso, é preciso mostrar para as crianças outras referências do que vem a ser mulher. Uma mulher pode ser muito mais do que é mostrado nos contos de fadas. A mulher pode ser princesa vivendo ou fazendo aquilo que gosta ou se identifica. Por exemplo, a mulher pode ser princesa praticando esportes, exercendo cargos políticos, entre outras referências. Sem dúvida nenhuma, essa nova releitura das personagens femininas precisa se dar nos meios escolar e, sobretudo, social. É preciso ensinar às crianças que ser princesa não significa somente ser do lar ou casar com um príncipe encantado.

Desse modo, Bettelheim (1997, p. 15) vem corroborar com a premissa colocada quando diz que

o conto de fadas possui internamente a convicção de sua mensagem, por conseguinte, não necessita prender o herói a um modo específico de vida. Não precisa dizer o que Chapeuzinho, por exemplo, fará ou qual será seu futuro. Devido à experiência ela será capaz de decidir por conta própria. Todos os ouvintes adquirem uma sabedoria a respeito da vida e dos perigos que os desejos de Chapeuzinho podem provocar.

É preciso, assim, demarcar as diferenças de gênero entre as crianças, ensinando-as desde cedo a não reproduzir estereótipos daquilo que conhecemos por feminino. Princesas podem ser qualquer uma, da mãe doméstica à mãe arquiteta, e não somente

os padrões de princesas vistos nos clássicos. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo possibilitar a compreensão de que existem outras referências do que vem a ser mulher. Para tanto, a fim de legitimar a discussão aqui elencada, será feita uma análise cinematográfica dos clássicos *Cinderela* e *Mulan*, nas turmas do segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental I, de uma escola pública do pequeno povoado pertencente ao interior da Bahia, nas quais será possível perceber, a partir dos relatos das crianças, a influência que esses contos de fadas exercem na vida infantil. Assim, essa proposta pedagógica tem por objetivo mapear como as crianças compreendem as narrativas dos filmes com princesas da Disney.

A escolha desses dois filmes se deu pelo fato de que se trata de narrativas distintas. *Mulan*, embora também seja uma produção da Disney, é o inverso do clássico *Cinderela*. Neste último, a princesa é subordinada ao príncipe. É bela e recatada dentro dos padrões impostos socialmente, moça frágil e indefesa, que idealizava a chegada de um príncipe encantado que pudesse salvá-la da prisão na qual se encontrava.

Por outro lado, no clássico *Mulan*, a princesa não se prende a nenhum padrão, é alguém livre, independente, com uma personalidade forte. *Mulan* é corajosa e valente. Enquanto filha de um grande guerreiro, viu a necessidade de guerrear para honrar o nome da família, pois seu pai estava ferido e não podia mais se juntar ao Exército Imperial. *Mulan* não hesitou, cortou seus cabelos, vestiu as roupas do pai e se apresentou aos demais guerreiros como sendo homem. Pensando nessa discrepância de comportamentos entre as personagens é que se pensou na confecção deste trabalho, a fim de identificar, em meio à conjuntura social atual, com qual das duas princesas as crianças se identificam e o porquê dessa identificação.

2 Desenvolvimento

Levando em consideração o colocado em momentos anteriores, os contos de fadas são uma ferramenta pedagógica indispensável, pois contribuem para o processo de formação humana da criança, uma vez que a literatura infantil propõe experiências que fazem parte da sua realidade que são responsáveis pelo desenvolvimento da sua identidade enquanto pessoa humana. Os contos de fadas apresentam, em suas histórias, situações hipotéticas, mas que, ao mesmo tempo, dizem respeito a uma realidade existente, já que o discurso que está escrito, a história contada, envolve valores atemporais que são válidos para qualquer época e circunstância.

Segundo Coelho (1987, p. 75), em todos os contos,

[...] há sempre grandes provas a serem vencidas para que as personagens alcancem o que desejam. Entre o real do cotidiano e o mistério do imaginário, desaparecem as fronteiras, mostrando a vida como algo muito difícil de ser enfrentado, mas, talvez por isso mesmo, extremamente valiosa e merecedora dos mais extremos sacrifícios.

Como se sabe, a infância é a época em que as fantasias precisam ser nutridas para que as crianças possam crescer cientes a respeito das adversidades da vida. Os confrontos, de diferentes naturezas, presentes nos contos podem possibilitar a

compreensão de valores referentes ao convívio social. Ainda segundo Coelho (1987, p. 90), “o trabalho com os contos favorece a contextualização dos valores sociais e morais, pois os acontecimentos, quando refletidos, demonstram situações comuns que qualquer pessoa poderia viver”.

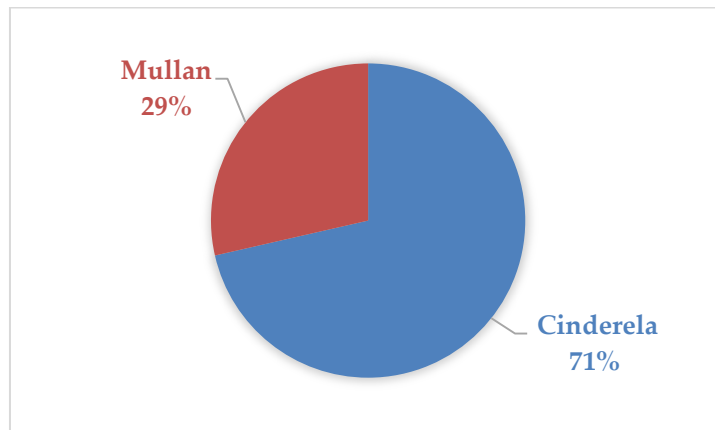
No conto de fadas, a beleza é uma característica simbólica das princesas, contudo, ser bela implica, hoje, ter um projeto existencial, em que toda a existência da mulher seja alicerçada na concretização desse projeto. Ser bela é fazer aquilo que gosta sem se preocupar com padrões ou conceitos pré-estabelecidos acerca do gênero feminino. Essas e outras assertivas são possíveis de serem discutidas em sala de aula, de preferência na educação infantil, pois é onde estamos formando o alicerce de toda uma formação cognitiva e, sobretudo, humana.

Diante disso, um trabalho pedagógico com a literatura infantil, que não trabalhe com outros olhares nos contos, pode acabar levando a criança a reproduzir comportamentos que, muitas vezes, não as identificam como pessoa. Assim, se, por um lado, a literatura infantil forma, por outro, ela desenforma à medida que, de forma consciente ou não, possibilita que a criança crie uma imagem avessa a seu respeito. Isso acontece quando a mesma não se identifica com o perfil de princesa que é ali propagado, por exemplo, a criança do sexo feminino que está assistindo ou vendo os clássicos dessa natureza pode gostar de jogar bola ou brincar de carrinhos; no entanto, ao se defrontar com essa imposição de gênero, acaba vivenciando uma crise existencialista, pois se perde no sentido de não saber que é ou o que quer ser.

Em vista disso, o que mais difere *Mulan* das outras princesas da Disney é o próprio estereótipo de princesa, pois, como já foi colocado, uma princesa se faz princesa mediante as suas ações e seus comportamentos. Por exemplo, em *Mulan*, é ela quem é forte e protege. É ela que salva toda a China. Enfim, é por seu repertório discursivo e comportamental que a mulher legitima sua emancipação em contextos sociais, políticos, culturais e históricos e, sobretudo, é a partir desse clássico que o conceito de princesa vem mudando, pois, no filme, *Mulan* se faz princesa mesmo sendo guerreira, inteligente e corajosa.

Paralelo a isso, para reafirmar a influência que os clássicos exerceram e exercem na personalidade e identidade das crianças, trataremos agora das experiências e dos relatos coletados nas abordagens de campo deste estudo, em que foram, em média, observadas trinta e cinco crianças, todas do sexo feminino, com uma faixa etária de cinco a seis anos de idade. Segue a amostragem formal dos resultados, bem como a análise dos mesmos.

Gráfico 1 – Preferência entre *Cinderela* ou *Mulan*



Fonte: Dados do trabalho.

Como se percebe no gráfico 1, 25 crianças, totalizando 71%, afirmaram que *Cinderela* as representava, pois era bela, tinha vestidos elegantes e se casava com um príncipe. “Eu quero me casar, tia”, “Eu sou bela, tia”, “Mulan não é princesa, é homem”, “Mulan é feia”, “Mulher não luta nem monta a cavalo como Mulan”, “Meu cabelo parece com o de Cinderela”, falas das crianças. Por outro lado, apenas 10 crianças, total de 29%, identificaram-se com o clássico *Mulan* e afirmaram que gostam de aventuras, de correr e de brincar das mesmas brincadeiras que os meninos brincam.

Como podemos comprovar nos relatos mencionados, a maioria das crianças afirmou que o conto mais bonito foi o de *Cinderela*, pois a princesa é bela e se casa com um príncipe, o que vem evidenciar a influência que esses clássicos exercem na formação das crianças na questão de feminilidade. A criança do sexo feminino aprende, desde cedo, que precisa estar sempre bela para atrair um príncipe, que precisa se comportar como “mocinhas em miniaturas”, do contrário, será rotulada como fora dos padrões de comportamento esperado para uma criança da sua idade.

Paralelo a isso, é importante frisar o fator estética feminina como condição necessária para se enquadrar nos conceitos de mulher que são socialmente cobrados. Infelizmente, a beleza física, o corpo bem torneado, a pele sedosa, o cabelo macio são e foram elementos indissociáveis do feminino. As mulheres somente são reconhecidas ou valorizadas quando atendem a esse padrão, o qual aliena até mesmo as crianças. Nesse sentido,

os cartazes publicitários e as capas de revistas, a linguagem e as canções, a moda e as manequins, o olhar dos homens e o desejo das mulheres, tudo nos lembra com insistência a condição privilegiada da beleza da mulher, a identificação desta com o “belo sexo”. (LIPOVETSKI, 2000, p. 101).

Assim, a figura feminina como símbolo de beleza é algo presente em nossa sociedade e no imaginário das pessoas. No caso dos contos de fadas, como foi visto, é muito comum a personagem central ser descrita como um ser belo, capaz de atrair a todos com seus traços perfeitos. Nos contos analisados, as duas personagens centrais comungam dessa beleza, no entanto, em abordagens diferentes. A beleza de *Mulan* não

foi apreciada pelas crianças em virtude do comportamento da mesma, que foi avaliado, pelo público infantil, como algo atípico de uma princesa.

Por outro lado, dez das crianças observadas, ao assistirem aos dois filmes, não quiseram falar a respeito dos mesmos. No entanto, foi solicitado que estas desenhassem cenas dos dois filmes que mais tenham gostado, e as cenas registradas foram todas do filme *Mulan*, no qual a princesa em questão estava sobre seu cavalo. Tal fato deixa claro que essas crianças se identificaram com a coragem da princesa, por sua busca de liberdade. E essas mesmas meninas gostam de brincar de pega-pega com os meninos na hora do intervalo em vez de brincar de bonecas, o que vem provar que cada criança possui uma identidade única que precisa ser objeto de reflexão nos meios escolar e social. Logo, é correto afirmar que *Mulan* consegue ser princesa sendo quem ela é, consegue ser bela mesmo estando sobre um cavalo. *Mulan* reflete, sem dúvida, as princesas do mundo real, a mulher que é mãe e esposa, que trabalha diariamente pela ordem e organização da família, a mulher que é jogadora de futebol, a mulher que é arquiteta ou lutadora de boxe. Enfim, *Mulan* carrega, em essência, a coragem e a audácia das várias mulheres que procuram ser mais do que simplesmente um referencial de beleza física. Ela representa o grito de liberdade de todas as mulheres que lutam por espaço e reconhecimento. Ela representa a princesa que habita em cada mulher, independente da sua identidade.

3 Conclusão

Ao longo da história dos clássicos universais, percebemos que a mulher foi uma personagem de alta representatividade no sentido de exaltação do belo, bem como de subordinação ao homem.

A análise deste estudo foi embasada na mulher como personagem dos contos de fadas. Buscou-se legitimar que as mulheres do mundo real são também princesas, assim como *Cinderela* e *Mulan*. Portanto, podemos perceber, conforme a amostragem de resultados que foi aqui feita, que essas crianças observadas no estudo, de certo modo, já estão alienadas quanto às cobranças sociais que são impostas ao gênero feminino.

Por outro lado, vemos que, com o passar dos anos, os enredos dos clássicos vão se adaptando à nova conjuntura social vigente, prova disso vimos no repertório de *Mulan*, em que percebemos, na imagem da personagem, todo um processo de emancipação feminina de que falamos e vemos aos poucos acontecer.

É salutar destacar que, em nenhum momento, este trabalho teve a pretensão de limitar e desmerecer o caráter pedagógico que os contos de fadas exercem no processo de formação da criança. Por outro lado, propõe-se, aqui, que estes sejam analisados não somente em uma vertente, mas em todas as possibilidades de reflexão.

Desse modo, este estudo pode ser ampliado, aumentando o *corpus* de análise e também explorando outros contos, trazendo, com isso, características de outras personagens. Isso endossaria a relação pedagógica entre os diferentes contos e suas intenções discursivas.

Referências

ANAVERBACH, Mária. “*Huellas imperiales*” de Imago Mundi. Buenos Aires. 2003. p. 163-175. Disponível em: <<http://es.scribd.com/doc55569918/averbach-maccarthismo>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.